



DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 04 | Nº. 08 | Ano 2023

A LUTA CONTRA O IMPERIALISMO: DEMOCRACIA PRA QUEM? O QUE SE ENTENDE POR DEMOCRACIA?

Rodrigo Castro Rezende

No último mês foi declarado que Nicolás Maduro havia vencido o sufrágio universal na Venezuela. O Conselho Nacional Eleitoral daquele país informou que Maduro havia alcançado 51% dos votos e, portanto, continuaria a ser o presidente venezuelano. Assim que os resultados foram divulgados, o mundo dito civilizado, a exemplo dos EUA, UE e outras “entidades”, iniciaram uma campanha de contestação alegando que as eleições foram fraudulentas, e que por isso precisavam conferir as atas das urnas. Afirmam, com estes discursos, que não há democracia na Venezuela, mas um governo totalitário.

Meses antes, Macron dissolveu o parlamento democraticamente eleito na França e pouco se ouviu, se leu ou se escreveu sobre o episódio. Interessante ressaltar nesse caso é que o ato do presidente francês foi perfeitamente legal. É previsto na constituição francesa. Logo, é democrático. Porém, seria ético e moral? Deixo a reflexão para os leitores. Mas porque diabos Maduro foi publicamente contestado e Macron não? A resposta talvez esteja não no que podemos ver na Venezuela, mas naquilo que está escondido, sob o solo e que tem gerado guerras e mais guerras mundo afora. Esse país sul-americano tem uma das maiores reservas de petróleo e gás natural do mundo; tem uma rica biodiversidade; tem ouro; diamantes e coltan...

Os civilizados, de agora em diante nomeados por imperialistas, se lixam para a democracia da Venezuela ou alhures. Querem, a bem da verdade, usufruir de suas riquezas. O

Site/Contato

Editores

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

imperialismo quer transformar o nosso vizinho em sua “cadela no cio”. Desejam que a Venezuela seja o Congo sul-americano ou o Congo 2.0. Só assim teremos “paz” nos noticiários; nas redes sociais; na internet como um todo e em todos os sentidos. Apenas desse modo, a Venezuela será “esquecida”. É certo que Maduro não seja o governante ideal, mas, talvez o necessário. Por outro lado, Macron é visto como o presidente desejável, mas pra quem?

O Imperialismo cria conceitos voláteis, bem ao estilo mutatis mutandis, ao bel-prazer das ocasionalidades capitalistas. A realidade é bem contraditória. A democracia é forçada e implantada de forma compulsiva em vários lugares do mundo. Ibrahim Traoré de Burkina Faso é um herói, mas ninguém vai dizer isso publicamente... Não, nunca!

Em meio a esse embaralhamento caótico e proposital de conceitos, jovens do Brasil, de Angola e de Moçambique compõem esse valente número da Dado(s) de África, que, assim como Maduro, teimam em existir, em respirar e em incomodar. O primeiro artigo, intitulado “Evangelificação no Sâdi-Zulumôngo: depuração dos espíritos e Simão Tôko”, de Paracleto Mumbela, vem recheado de fontes do Centro dos estudos tokoístas e conexos. Acervo sob guarda da vertente Tokoísta denominada de Doze Mais Velhos. Nesse artigo, Mumbela disserta sobre o cristianismo na região angolana de Sâdi-Zulumôngo e destrincha um pouco sobre a rica e heroica vida do profeta Simão Gonçalves Tôko.

O artigo seguinte, escrito pelos(as) jovens Ana Carolina F. de Mendonça, Isabely Gurgel de Castro e Pedro Henrique da Silva, sob o título “Os dogons: as problematizações e perspectivas acerca da cosmologia a partir do mito de criação”, descreve seus conhecimentos astronômicos e o espetacular corpus mítico dos dogons, povo que está localizado no atual Mali. Posteriormente, fazem aquilo que Detienne denominou de comparativismo e se debruçaram sobre alguns mitos do povo Kaiapó, no Brasil.

O próximo artigo, “Igreja Universal do Reino de Deus em Angola: a disputa por poder”, de Allana Helen Peixoto de Souza, convida o leitor a visitar a implementação da Igreja Universal do Reino de Deus em Angola e suas dissidências com a ala local, assim como faz uma reflexão sobre a Teologia da Prosperidade.

O quarto artigo, escrito por Simão Rui Faz Tudo Soneca, “Reflexão crítica da carreira, em meio a uma trajetória docente: uma breve perspectiva de um docente do curso de artes visuais da Universidade de Luanda”, é um convite para o(a) leitor(a) a ler sobre as experiências e reflexões dos profissionais do magistério angolano e quais são as vicissitudes vividas dentre esses profissionais.

Em “A história do pensamento moçambicano: algumas notas na emergência do pensar Moçambique como unidade nacional”, Tubias Capaina disserta de forma impressionante sobre a fomentação e emergência do pensamento moçambicano, em seu contexto nacional, verificando

as múltiplas influências nesse querido país africano. Capaina nos envolve ao dissecar a imposição do cristianismo e adesão voluntária ao islamismo, e de como a educação se transformou em uma ferramenta de controle social.

Com relação ao sistema de ensino em Moçambique, temos o sexto artigo que compõe esse número, feito por Pedro José Miguel e Crimildo Mário Cossa, “Efeito da gestão participativa nos processos de tomada de decisão nas organizações – caso de institutos médios de educação profissional em Moçambique (2021-2023)”, em que os autores analisam os efeitos da gestão participativa nos processos de tomada de decisão nas empresas, tomando como fontes uma amostra de 100 pessoas, distribuídas em três categorias (formadores, técnicos administrativos e formandos).

Para o sétimo artigo desse número, contamos com as autorias de um grupo de jovens angolanos, Alfredo Bacia Dumbo, Constantino T. Tchilungo, Ernesto Chacamba Filipe, Gabriel Soares Calimi Cavalo e Leandro V. da Cruz Calulica, que, ao escreverem “Instrumentos da Política Comercial e seus impactos no bem-estar social para o caso de Angola”, refletiram sobre os impactos da política comercial no mercado doméstico, estrangeiro e mundial, pelo ponto de vista angolano, a fim de verificar suas influências no bem-estar social dos povos daquele país.

O último artigo desse número, meu caro leitor e estimada leitora, também tem como autores um grupo de jovens, mas, dessa vez, nascidos em Moçambique: Félix Francisco, Afonso Filipe João e Agostinho Obra, que escreveram sobre um tema caro a todos nós, moçambicanos ou não, a análise da qualidade da água e se a tecnologia utilizada pode, inclusive, prejudicar. Para tanto, fizeram um belo estudo, sob o título “Avaliação da qualidade físico-química da fonte de água da Unipúnguê”.

Para terminarmos, gostaríamos de dedicar esse número aos resilientes heróis que, a despeito da tirania imperialista, continuam a lutar a boa luta. Independentemente de serem chamados de ditaduras, lutam com afinco contra os demônios da política capitalista mundial.

Boa leitura!

Rodrigo Castro Resende